

**RELATO DE PESQUISA: COBERTURA JORNALÍSTICA BRASILEIRA DO
CONFLITO DE TERRAS ENTRE CAMPESES PARAGUAIOS E BRASIGUAIOS**

Luciana Pelaes Rossetto¹

Resumo:

Este trabalho é o relato de uma pesquisa que investigou a cobertura pela imprensa brasileira do Paraguai e dos conflitos de terra entre camponeses paraguaios e fazendeiros brasileiros, os “brasiguaios”, na região de fronteira do país com o Brasil. Em uma primeira etapa foram estudados três momentos relevantes da história das relações entre os dois países, a começar pela chegada dos brasileiros no período da ditadura Stroessner (1954-1989), a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu nesse mesmo período, e, ainda no século XIX, o início da dominação, sobretudo econômica, imposta pelos brasileiros após a Guerra contra a Tríplice Aliança (1864-1870). Num segundo momento, traçamos um panorama de como o Paraguai é representado pela imprensa brasileira. Por fim, concentramo-nos em nosso objetivo específico de estudo, que é identificar os modos como a mídia trabalha o Paraguai e os conflitos agrários envolvendo fazendeiros brasileiros.

Palavras-chave: Jornalismo. Reportagem jornalística. Produtos midiáticos. Revistas semanais. Paraguai.

Introdução

Segundo levantamento de 2012 do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, há 201.527 brasileiros vivendo no Paraguai, onde são chamados “brasiguaios”². Porém, alguns autores apontam que existem até 500 mil brasileiros no país vizinho. Os brasileiros imigraram para o Paraguai à procura de terras baratas, principalmente a partir da década de 1970, incentivados por planos econômicos do ditador Alfredo Stroessner (1954-1989). Hoje, eles são responsáveis pela produção recorde de grãos do país, especialmente de soja.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. E-mail: lurossetto@gmail.com.

² BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Diplomacia Consular, 2007 a 2012; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/diplomacia-consular-2007-a-2012-final.pdf>>. Acesso em 8 dez.2013.

Apesar do crescimento econômico levado pelos brasileiros, a presença deles no país é conflituosa. É comum ocorrerem disputas entre brasileiros e paraguaios pela posse das propriedades. A ocupação do território por grandes fazendeiros brasileiros provoca a expulsão das comunidades camponesas para as cidades, onde vão habitar periferias e enfrentar o desemprego por conta da falta de qualificação.

Fernando Lugo assumiu o governo paraguaio em 2008 com a promessa de realizar a reforma agrária e dar estrutura aos camponeses, como acesso a crédito, transporte para o escoamento da produção e auxílio técnico para o cultivo da terra. Apesar de abrir um caminho para o diálogo entre o governo e movimentos sociais, Lugo pouco conseguiu fazer para resolver o problema.

Lugo sofreu *impeachment* em 22 de junho de 2012, após um confronto entre policiais e camponeses. Os “carperos”, como são chamados os camponeses por viverem em “carpas” (tendas), ocupavam uma fazenda na cidade de Curuguaty, quando a polícia tentou expulsá-los do local no dia 15 de junho do mesmo ano. A reação armada culminou com 17 mortos, entre policiais e agricultores. O vice de Lugo, Federico Franco, assumiu o governo no mesmo dia do *impeachment* e ficou na presidência por pouco mais de um ano, quando foi substituído por Horácio Cartes, que tomou posse da presidência em agosto de 2013.

Para entender o Paraguai de hoje, – com todos os problemas políticos, luta por terra e disputas entre camponeses e estrangeiros, é necessário fazer um retrospecto histórico para dois momentos marcantes da história do país, nos quais o Brasil exerceu um papel de fundamental importância. O primeiro é a Guerra da Tríplice Aliança. Motivado por fatores políticos e econômicos, o confronto destruiu economia paraguaia da época – considerada por muitos autores como a mais forte na região do Prata, e aniquilou quase a totalidade de sua população. Após a guerra, o Brasil interferiu nas composições política e administrativa do governo paraguaio, bem como na exploração das fontes econômicas do país derrotado. Nunca mais o Paraguai conseguiu se reerguer.

O segundo ponto é o governo do ditador Alfredo Stroessner. Ele permaneceu 35 anos no poder e, nesse período, assinou com o Brasil uma série de tratados desvantajosos para o

Paraguai. O principal foi o acordo para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que resultou em uma dívida gigantesca para o Paraguai, além de impor o Brasil como único consumidor do excedente de energia que pertence ao país. Stroessner também permitiu uma imigração em massa de agricultores brasileiros, que conseguiram as terras mais férteis do país a preços simbólicos e provocaram o colapso social da população de camponeses que viviam da cultura de subsistência praticada em pequenas propriedades.

O Paraguai, como o conhecemos hoje, com todos os seus problemas econômicos e mazelas sociais, talvez tivesse uma história diferente se não fosse pela destruição causada pela guerra e pela irresponsabilidade de alguns de seus governantes.

Paraguai nas revistas

Realizamos o levantamento de tudo o que foi publicado a respeito do Paraguai em quatro revistas semanais brasileiras – *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Carta Capital* – nos primeiros sete meses de 2012. Foram catalogados todos os editoriais, citações, frases, notícias e reportagens, entre outros, publicados entre 1º de janeiro e 31 de julho. Fazem parte do conjunto inclusive textos que não possuem o Paraguai como pauta, mas trazem referências ao país. A classificação do material mostra não somente o quanto e o que foi publicado, mas o espaço destinado à reportagem e o uso dos diversos gêneros jornalísticos pelas revistas. É um estudo de caráter fenomenológico, de verificação do que esse *corpus* mostra sobre os modos como o Paraguai é representado na imprensa.

As revistas *Veja*, *IstoÉ*, *Carta Capital* e *Época* trouxeram 55 textos em que foram feitas menções ao Paraguai. Em relação às reportagens, no total, as revistas publicaram 11 textos em que o Paraguai foi citado, independentemente de fazer apenas uma referência ao país ou tê-lo como pauta principal. A *Veja* trouxe o maior número de reportagens, com cinco, seguida por *Carta Capital*, com três reportagens, revista *Época*, com duas, e *IstoÉ*, com uma.

Quando o foco passa a ser o Paraguai, o número diminui: somente 44 textos, de todos os gêneros jornalísticos. Quanto às reportagens, do número inicial de 11, somente sete abordaram especificamente o Paraguai, dando destaque ao *impeachment* de Lugo.

Verificamos que a revista *Veja* trouxe o maior número de textos específicos sobre o Paraguai, totalizando 17, mas entre os quais apenas uma reportagem, seguida de *IstoÉ*, com 12 textos e uma reportagem, *Carta Capital*, com 11 e três reportagens, e *Época*, com quatro textos e duas reportagens.

Veja

Veja publicou o maior número de textos relacionados ao Paraguai, totalizando 27. A revista também foi a que publicou o maior número de reportagens em que o país é citado, com cinco textos. O levantamento constatou que foram publicados três artigos, três entrevistas e um editorial mencionando o país ou algum tema relacionado a ele. No entanto, percebemos que *Veja* faz inúmeras citações sem qualquer relevância, pois quando o foco é o Paraguai, o número total cai para 17 textos, sendo somente uma reportagem, que aborda o *impeachment* de Lugo – especificamente uma suposta tentativa da Venezuela em promover um golpe para que o afastamento do presidente fosse evitado. Há ainda uma entrevista com Federico Franco, que havia recém assumido a presidência; uma notícia – justamente a do afastamento; um editorial, que critica a posição da chancelaria brasileira na crise; dois artigos; duas frases; quatro cartas de leitores; e cinco notas.

Dos 17 textos que contêm o Paraguai como assunto principal, somente uma nota foi publicada antes do *impeachment*, em fevereiro. O texto convidava os leitores a acessar o site da revista, onde poderia ser encontrada uma reportagem sobre invasões de fazendas de brasileiros por grupos de campesinos. Os editores de *Veja*, portanto, tinham conhecimento que a situação na região de fronteira era bastante conflituosa, tanto que enviaram uma correspondente ao país. No entanto, o material foi reservado somente ao site.

Apesar da falta de atenção ao que ocorria no Paraguai nos meses e até semanas que antecederam o *impeachment*, *Veja* trouxe a notícia da saída do presidente na edição seguinte ao fato, datada de 27 de junho de 2012.

IstoÉ

Os 12 textos que mencionam o Paraguai encontrados na revista *IstoÉ* têm o país e assuntos relacionados à questão agrária como pauta principal, porém apenas uma grande reportagem. No período pesquisado, a revista trouxe duas entrevistas, duas notícias, duas notas, um editorial e um artigo sobre o assunto, além de uma citação na coluna de Marcelo Tas, onde são publicadas as frases postadas por ele em seu *twitter*.

Com uma exceção, quase todo o material foi produzido apenas a partir do *impeachment* de Lugo. Unicamente uma notícia, foi publicada em fevereiro com a informação de que fazendas de brasileiros no Paraguai estavam sendo ameaçadas por um grupo sem-terra. Apesar dos editores de *IstoÉ* estarem cientes da situação conflituosa na região de fronteira com o Brasil, a publicação limitou-se a publicar uma pequena nota generalista sobre o assunto. São inesgotáveis as abordagens que poderiam ser exploradas em reportagens da revista, mas a publicação preferiu o silêncio até o *impeachment* de Lugo, quando a quase totalidade dos textos foi publicada.

E a revista não trouxe o resultado do julgamento na edição seguinte ao acontecimento: no dia 27 de junho afirmou que o presidente seria julgado, porém já se sabia que ele havia sido deposto. A revista trouxe o resultado apenas em 4 de julho.

Carta Capital

Entre 11 textos publicados pela *Carta Capital* que fazem referência ao Paraguai, três são reportagens. A revista ainda publicou duas entrevistas e um artigo que fazem referência ao Paraguai durante o período analisado. Todos os textos possuem o país como tema principal, mas foram publicados somente após o *impeachment* de Lugo. Antes desse fato, as relações conflituosas na região de fronteira não foram sequer mencionadas pela revista. Apesar disso, *Carta Capital* preocupou-se, em suas reportagens, em explicar melhor como ocorreu a saída do presidente e os problemas enfrentados na região de fronteira, apesar da falta de uma produção específica sobre a questão agrária.

Carta Capital também não trouxe o resultado do julgamento na edição seguinte ao processo, em 27 de junho. A saída do presidente só foi informada em 4 de julho. A revista,

porém, traz uma cobertura com uma abordagem mais equilibrada em comparação com as concorrentes nas edições seguintes, com fontes mais diversificadas.

Época

De todas as revistas, *Época* trouxe o menor número de textos sobre o Paraguai, somando cinco. Foram duas reportagens, dois editoriais e uma nota. Dos cinco textos, quatro foram produzidos em razão da destituição de Lugo e tinham o Paraguai como assunto principal. Antes, em janeiro, *Época* publicou uma nota sem relevância para esta pesquisa sobre vistos de permanência concedidos para imigrantes com a informação de que paraguaios, além de bolivianos, eram os que mais recebiam a documentação.

Apesar de ignorar os acontecimentos no país, mesmo aqueles que afetavam brasileiros e o Brasil, *Época* trouxe a informação de que o presidente havia sido deposto na logo edição seguinte ao acontecimento, em 25 de junho. A revista ainda foi a única a enviar um correspondente para a área conflituosa de fronteira.

Ausência revela

Em 2012 ocorreram inúmeros conflitos entre fazendeiros brasileiros e camponeses paraguaios, mas os acontecimentos não foram assuntos tratados pelas revistas. Medina (1982, p. 144) percebe que na rotina da redação, a variedade de assuntos e o tratamento dado a eles não correspondem ao aprofundamento que a situação exige. A pauta é composta por uma seleção de assuntos já publicados em outros veículos, não é planejada e pensada levando em consideração somente sua relevância. Um veículo acaba pautando o outro, formando um “círculo vicioso fechado e pobre”.

A televisão e o rádio se pautam pelos jornais do dia, os jornais se verificam uns aos outros para perceber o que estão dando e o que faltou. A pauta é, então, tomada como unidade de assunto, quase sempre isolada de seu contexto atual e histórico, suas implicações na sociedade (MEDINA, 1982, p. 144).

Nenhum dos textos jornalísticos produzidos pelos veículos brasileiros contextualizou as origens históricas e a complexidade dos conflitos agrários no Paraguai, o que produz para o leitor uma visão limitada e pouco informativa da questão.

Como ensina Morin (2003, p. 14), os problemas particulares precisam ser pensados dentro de seus contextos, e o próprio contexto dos problemas deve ser posicionado em um contexto planetário. A questão agrária no Paraguai não pode ser vista isoladamente, pois ela é apenas uma faceta de um problema muito mais profundo, que para ser compreendido deve ser globalizado e ter as causas relacionadas com as questões políticas, econômicas, sociológicas e até psicológicas investigadas.

Quando fragmentamos o problema sem observar sua multidimensionalidade, atrofiamos as possibilidades de compreensão e de reflexão. Assim, quanto mais a crise progride e os problemas se tornam planetários, maior a incapacidade de pensar o problema. Conhecimento, de acordo com Morin (2003, p. 24), é um processo circular que passa por uma tradução e reconstrução das representações, das ideias e dos discursos. Para que o problema seja contextualizado, os acontecimentos devem ser pensados globalmente e não podem ser separados dos contextos culturais, sociais, econômicos, políticos e históricos. Para o autor, é necessário produzir um pensamento “ecologizante”.

Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 2003, p. 25).

Morin (2000, p. 20) diz que não existe conhecimento que não esteja ameaçado pelo risco do erro em qualquer transmissão de informação ou comunicação de mensagem, porque as pessoas constroem suas percepções baseadas no que os sentidos captam do mundo exterior.

Este conhecimento comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento. Daí os numerosos erros de concepção e de ideias que acontecem apesar de nossos controles racionais. Morin (2000, p. 27) afirma que em uma sociedade onde reinam paradigmas, convicções e crenças, todos sofrem a imposição de uma força normalizadora do dogma.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2003, p. 51).

Conforme Morin (2000, p. 93), a comunicação não traz por si mesma a compreensão. A informação, por mais bem transmitida e compreendida, garante o entendimento dos fatos, mas não é suficiente para a compreensão. “A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana” (MORIN, 2000, p. 95).

Como observa Medina (1982, p. 146), na prática, muitas vezes o repórter já sai da redação pré-determinado a seguir o viés de uma pauta e procura pessoas que reforcem esse ponto de vista já delineado, aceita as respostas do entrevistado e escreve o material sem questionamentos quanto à abordagem do assunto. O poderio econômico levado pelos brasiguaios é considerado pelo ponto de vista do povo brasileiro como um fator positivo, entretanto, impôs às populações campesinas toda sorte de humilhações, como ver suas terras servindo de fonte de riqueza para outros povos, a impotência de permanecer em seu local de origem, o estigma de serem consideradas inferiores, entre outros aspectos que deveriam ser relevados pela imprensa.

Para Medina (1982, p. 144), mesmo quando um veículo envia um correspondente para cobrir um fato específico, esses jornalistas quase sempre permanecem nos mesmos pontos onde estão as agências multinacionais da informação e outros profissionais da imprensa, onde acabam sendo pautados pelo mesmo funil de decisões que os repórteres locais. Portanto,

raramente conseguem criar novas pautas e levantar problemas através de seus ângulos específicos. A reportagem do correspondente e dos jornais locais apresentam diferenças mínimas de enfoque, ditadas na maioria das vezes pela ideologia do veículo.

Considerações finais

O Paraguai aparece em referências generalistas e somente duas vezes foi pauta principal nas revistas antes do *impeachment* de Lugo – duas notas publicadas por *Veja* e *IstoÉ*. Todas as semanais produziram conteúdo relevante da crise paraguaia após o *impeachment* e, em razão do desconhecimento das origens históricas dos problemas, os textos contêm erros de avaliação e informações questionáveis tidas como verdade absoluta.

Todas divulgaram a saída de Lugo, porém não foi dada nenhuma importância aos conflitos que já vinham acontecendo na região. Houve um erro de avaliação editorial na abordagem dessa questão, uma vez que o assunto que foi totalmente ignorado pelas revistas semanais provocou não somente a queda do presidente, mas mudanças também na configuração do Mercosul. A ausência de referências anteriores ao Paraguai não deixa de transmitir uma mensagem: a de que os problemas que ocorrem no país vizinho e com nossos compatriotas têm menos relevância do que conflitos que acontecem em outros continentes.

Refletindo sobre a cobertura da saída de Lugo, que foi o assunto principal abordado nas reportagens, podemos observar que muitas vezes a pauta fica presa puramente ao fato. As coberturas são passivas diante dos acontecimentos e não assumem uma postura de compreensão diante dos diversos atores que compõem a questão agrária paraguaia. Essas reportagens ignoram as ligações de causa e efeito de eventos diferentes, mas que possuem múltiplas conexões nos planos individual, coletivo, nacional e internacional. Desse modo, as reportagens deixam de cumprir a missão de auxiliar o público a compreender de forma ampla o que acontece no mundo e se limitam apenas a narrar fatos, sem buscar contextualizá-los.

Além da superficialidade, podemos notar títulos e textos carregados de preconceito contra os paraguaios. A complexidade da realidade da questão agrária é reduzida a versões ingênuas e visões maniqueístas, de brasileiros trabalhadores, do bem, que levam o progresso,

e de camponeses paraguaios, do mal, que fazem arruaça e querem a propriedade privada. Sem contar a forma arrogante e estereotipada com que os paraguaios são tratados. As coberturas jornalísticas ficam reduzidas às aparências das coisas, são incapazes de considerar a essência dos acontecimentos e suas origens históricas.

Fica evidente ainda que, nas reportagens, não houve profundidade na busca por fontes e por personagens variados que pudessem falar de diferentes aspectos da questão. A abordagem superficial dos textos jornalísticos não traz a complexidade das relações existentes na região. Isso pode fazer com que os leitores formem uma opinião baseada na visão limitada.

Para trazer a real dimensão do problema, os textos deveriam fazer uma abordagem profunda e imparcial, menos preocupada em apontar culpados ou eleger inocentes. Seria necessário buscar em outras fontes para ampliar os horizontes sobre os princípios psicológicos, sociais e legais que regem as disputas, como a validade dos títulos de propriedade em região de fronteira, violação dos direitos básicos e da dignidade da pessoa humana, tanto de estrangeiros quanto, principalmente, de camponeses paraguaios.

Falta aos jornalistas esquecer a influência cultural e o estereótipo negativo que nós próprios criamos sobre o Paraguai e se colocar no lugar do outro, enxergar esse outro como igual, assumindo uma postura compreensiva e menos reducionista. Também falta compreender a cultura camponesa, que não encontra similar no Brasil, e se baseia em uma exploração diferente da terra e dos recursos naturais.

Não cabe aqui avaliar se a quantidade de textos publicados pelas revistas foi suficiente para elucidar a questão agrária do Paraguai e a saída do presidente Lugo. Em relação ao conteúdo, no entanto, nenhum dos textos analisados conseguiu dar a dimensão da complexidade do problema. Ao contrário, reforçou ainda mais os estereótipos de país sem lei e cidadãos oportunistas. Da mesma maneira que não conseguem obter as terras, os camponeses também não têm espaço nas páginas da imprensa brasileira.

Ao qualificar os brasileiros como responsáveis pelo crescimento da economia, não se mencionou que o Paraguai é um dos países mais pobres da América do Sul. Mesmo com

números positivos em relação à exportação de commodities, a distribuição de renda não existe no país, e a riqueza fica concentrada somente nas mãos dos grandes proprietários. Resta a esperança de, no futuro, os jornalistas conseguirem ter um pensamento complexo, que não fragmenta e mutila a realidade para compreendê-la. E consigam notar a interdependência de todos os elementos que compõem a totalidade da questão.

Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar. **A Dinâmica das Fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ALCARAZ, José Nicolas Morinigo. **Auge de la producción rural y crisis campesina**. Asunción: Fondo Nacional de la Cultura y las Artes, 2009.

FOGEL, Ramon. Efectos socioambientales del enclave sojero. in: FOGEL, Ramon; RIQUELME, Marcial (Comp.). **Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza**. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios., 2005

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume, 2000.

KÜNSCH, Dimas A. **O Eixo da Incompreensão: as revistas semanais brasileiras e a cobertura da guerra contra o Iraque**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2004.

KÜNSCH, Dimas A. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. IN: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luís Mauro Sá (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010.

KÜNSCH, Dimas A. Teoria compreensiva da comunicação. IN: KÜNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Org.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

10^o interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Documentos

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Diplomacia Consular, 2007 a 2012**; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/diplomacia-consular-2007-a-2012-final.pdf>>. Acesso em 8 out.2013.

Revistas

Carta Capital, São Paulo, 2012, n. 678-707

Época, São Paulo, 2012, n. 711-741

IstoÉ, São Paulo, 2012, n.2199-2228

Veja, São Paulo, 2012, n.2250-2279